

1

Somos como Midas... Os humanos nunca poderão experimentar a verdadeira textura da realidade quântica, porque tudo aquilo em que tocamos converte-se em matéria.

—Nick Herbert, físico

I.I. DENTON WYLE

MARÇO, A BORDO DO MLB INVENCIBLE II,
JUNTO À COSTA DA FLÓRIDA

Denton Wyle tornava a examinar seriamente as suas alternativas. Os seus dedos estavam presos a um mastro como se fossem grampos vivos, escorria-lhe água pelo cabelo louro até ao nariz e encostara as costas à cabina do barco de resgate enquanto a espuma do mar lhe esbofeteava a cara como um inglês furioso. A coberta arfava sob os seus pés como um arruaceiro.

Estava num barco, no meio de uma tempestade, a um tiro de pedra do Triângulo das Bermudas.

Os tripulantes do navio da guarda costeira, uns pontos cor-de-laranja brilhantes por entre um mundo húmido e cinzento, moviam-se com toda a facilidade pelo convés escorregadio e inclinado. Estavam numa missão dedicada a localizar um iate, o *Porque Não Agora*, que estava em perigo junto à costa da Florida. Tinha sido activado um alerta de navegação e o iate, tripulado por um casal e a sua filha adolescente, informara por rádio que a sua bússola parecia estar com alguns problemas, pois estavam perdidos e não sabiam para onde se deviam dirigir a fim de voltarem à terra.

Era a chamada que Denton tanto esperara. Há semanas que rondava pela estação dos guardas costeiros e bebia com homens que tinham

sal nas sobrelhas. Uma bússola avariada? Um navio perdido? Denton Wyle, intrépido jornalista do *Mundo Misterioso*, estava em cima do acontecimento.

Só agora se dava conta, com os dedos a sofrerem espasmos pelo facto de os ter há tanto tempo agarrados à volta do mastro, que as palavras-chave de toda aquela história não eram avaria da bússola ou *Triângulo das Bermudas*, mas *alerta de navegação*. *Alerta de navegação* significava: «Aconselhamos a que não saia de barco, raios».

— Wyle? — Apareceu um rosto empapado pela chuva e embutido num duro chapéu azul. Era Frank, um corpulento nova-iorquino. Denton passara a tarde inteira a vê-lo lavar com uma mangueira umas redes de *nylon*.

— Sim?

— Entra. Dentro. Da cabina. — As palavras eram gritadas por cima do uivo do vento e do rebrantar sinfónico das ondas. Frank agarra-se levemente ao mastro com uma mão, mesmo por cima dos nós dos dedos brancos de Denton, ao passo que a outra perfurava o ar com o indicador para assinalar a cabina situada por trás deles.

— Estou bem — gritou-lhe Denton, na medida em que ir para qualquer sítio significava largar o mastro.

Mas Frank tinha sido treinado para lidar com os teimosos. Agarrou a parte superior do braço de Denton e puxou-o. Por detrás de Frank, o barco de resgate estava inclinado num ângulo de quarenta e cinco graus e o corrimão de metal, fino e insubstancial, não cessava de entrar e sair das torrentes de água. Denton imaginou-se a deslizar até àquele bucho se se soltasse, tal como na cena de *O Tubarão* em que o capitão do pesqueiro desliza pelo convés até à boca do animal.

— Vamos! — berrou Frank.

Denton desprende-se. Passou por um momento de pânico quando os pés lhe escorregaram; pouco depois, tinha a porta da cabina na mão e Frank empurrou-o para dentro, fechando a porta com violência por trás de si.

Uma vez no interior, Denton ficou a arquejar durante alguns segundos enquanto tentava conter o pequeno-almoço. Não tinha a mínima intenção de fingir valentia. O seu código genético estava privado daquilo que devia ter; admitia-o. Mas a verdade é que também se dava mal com barcos. Crescera na costa de Massachusetts, onde, aos domingos, os clubes náuticos tinham mais público do que as igrejas, mas

nem nessa altura os barcos lhe agradavam. Em que diabos tinha estado a pensar?

Não tinha pensado no Triângulo das Bermudas nem no mar. Pensara nuns bosques, numa menina e nuns clarões de luz.

A chuva açoitava as janelas com tanta força que do interior da cabina não era possível ver o que se passava no convés, apenas grandes ondas que cobriam o céu.

— Estão constantemente a entrar e a sair do radar — informou um dos membros da tripulação.

O capitão Dodd desviou os olhos da janela e observou o ecrã do radar, voltando imediatamente a olhar para a janela e aproximando-se desta a pestanejar.

— A que distância?

— Uns quinhentos metros.

— Aproxima-te mais. Devagar. — Dodd não tirava os olhos daquela janela.

Denton achou aquela conversa bastante curiosa e os seus instintos de jornalista despertaram. Lembrou-se da câmara que lhe dançava ao pescoço há mais de uma hora. Secou-a com a manga e tirou várias fotografias. Aquilo fez com que se sentisse melhor.

— Maldição, já os devíamos estar a ver! — Dodd deu alguns passos na direcção de uma prateleira cheia de equipamento e pegou num impermeável. — Vou até lá fora. Enviarei o Johnson até aqui para que aguarde pelo meu sinal.

O vento intensificou-se quando a porta se abriu e se fechou. Denton acercou-se um pouco para conseguir um grande plano do ecrã do radar. Não reconheceu o operador, um miúdo com cara de bebé que não tinha mais de dezanove anos. Parecia assombrosamente tranquilo, impávido apesar de o convés palpitar sob os seus pés e das ondas se erguerem de uma forma impressionante por cima das suas cabeças. Estava totalmente empenhado na obtenção de um sinal melhor.

— Qual é o sinal deles? — perguntou Denton. Tiritava de frio.

O operador assinalou um débil sibilo, quase inaudível. Durante uns segundos, desapareceu, mas voltou logo de seguida.

— Não estamos certos de que sejam eles, mas estamos próximos da última posição registada. — O rapaz levantou os olhos. — Sente-se bem?

— Muito bem.

— Está pálido.

— Estou... — Denton ergueu a vista e viu uma parede de água gigantesca. A onda deslizou por baixo deles, fazendo-os subir e descer — ...bem. Ouça lá, é normal acontecer isto no radar? Desaparecer e aparecer?

O operador olhou à sua volta, como se mais alguém pudesse responder por ele.

— Não é suposto, mas está muito mau tempo.

O vento tornou a sacudi-los quando Johnson entrou e se colocou ao lado da janela. Denton viu o sinal sonoro luminoso desaparecer. Desta vez, não voltou.

Sentiu uma emoção cada vez maior ao ver aquele ecrã morto. Uma primeira página ganhava forma na sua mente: *Navio da guarda costeira assiste ao desaparecimento de um veleiro no Triângulo das Bermudas*. Tirou mais fotografias e esforçou-se por ver algo através da janela.

Johnson levantou uma mão.

— A estibordo! Trinta graus!

O ambiente na cabina alterou-se imediatamente, passando de uma preocupação sombria para um clima de confiança e competência. Era espantoso o que a força de vontade do homem podia fazer, pensou Denton, nomeadamente perante uma coisa tão elementar como aquela tempestade. O barco girou, os homens gritavam instruções e trabalhavam como se fossem um só. A energia que emitiam era tão intensa que, por instantes, percebeu o que era ser um daqueles marinheiros, capazes de dominar a grande maré de água.

Houve um lampejo de outro navio na janela, mas desapareceu entre a chuva e as ondas. Denton não conseguia ver um caraças dali de dentro. Tinha de sair.

Agora que o barco mudara de direcção, o convés inclinava-se para o outro lado e Denton não teve qualquer problema em agarrar-se ao mastro desde a porta da cabina. Aferrou-se a ele, contornou-o com as pernas como se estivesse em cima de um *pogo stick*² e tratou de pegar na câmara. Estavam mesmo a aproximar-se de outro barco.

O capitão Dodd estava na proa com os outros tripulantes. Fazia gestos ao timoneiro para que se pusesse em posição de modo a conseguirem acercar-se do veleiro naquele mar palpitante. Era um iate pequeno. Denton esforçou-se por distinguir o nome pintado de lado.

² Brinquedo para saltar feito de uma barra vertical, uma mola forte e suportes para pés e mãos (N.T).

Porque Não Agora.

Merda.

A emoção de Denton desvaneceu-se juntamente com as manchetes que congeminara. Tinham encontrado o barco. Não havia história. Tinha ido até ali para nada.

A tripulação atou uma corda ao *Porque Não Agora* e dois deles, como macacos de gelatina, desafiaram a morte atravessando até ao convés.

Foi então que Denton tomou consciência de que algo não batia certo.

Tirou outra fotografia quando os dois homens entraram na cabina do iate. Os dois homens saíram. Um deles regressou com alguma dificuldade para falar com o capitão ao passo que o outro se movia pelo barco, com os olhos postos no mar, à procura. E Denton percebeu: o *Porque Não Agora* estava vazio.



— O que lhes aconteceu? — quis Jack saber.

Denton cometera o erro de ligar ao seu editor através do telemóvel antes de sair com a patrulha de resgate e tinha três mensagens à sua espera quando voltou ao hotel. Quando saiu do banho, Jack estava novamente a ligar-lhe.

Denton esfregou os olhos com as duas mãos enquanto segurava o auricular com o pescoço.

— O relatório oficial diz que caíram pela borda e que se afogaram. Mas não se afogaram, Jack, garanto-te. Havia dois salva-vidas intactos no corrimão. É pouco provável que os três tenham caído à água ao mesmo tempo e, se tivessem caído um a um, teriam utilizado os salva-vidas, não achas? Procurámos durante duas horas, mas não vimos nada.

Jack não respondeu. Não havia resposta possível. Os dois andavam naquele negócio há tempo suficiente para reconhecerem um ponto morto quando o encontravam.

— Tiraste fotos dentro do iate?

— Não. — Denton suspirou. — O Dodd não me deixou subir a bordo. Mas um dos guardas costeiros disse-me que não havia nada fora do lugar. Nem sequer uma almofada.

— Bem... escreve o que tiveres. Vê se funciona.

Jack não parecia muito entusiasmado. Não tinha razões para estar. O mais frustrante é que podia perfeitamente ter sido um caso extraordinário. E ele tinha lá estado. Mas continuava sem material.

O conjunto de artigos sobre desapareições tinha sido ideia de Jack, mas Denton dedicara-se de corpo e alma ao tema. Havia alguns casos históricos muito interessantes. Em 1809, um inglês chamado Benjamin Bathursta parou numa estalagem. Contornou a carruagem para ver como estavam os cavalos e nunca mais foi visto. Em 1900, Sherman Mill entrou numa fábrica de algodão de Michigan e não voltou a sair. Em 1880, um agricultor chamado David Lang estava a percorrer os seus terrenos e evaporou-se, assim, sem mais, segundo cinco testemunhas presenciais. Dizia-se que a erva do sítio de onde desaparecera tinha morrido e que nunca mais tornara a crescer.

E havia um caso que Jack nem sequer conhecia. Em 1975, uma menina chamada Molly Brand desapareceu no meio de um clarão de luz enquanto brincava no bosque.

Todos os anos, mais de duzentas mil pessoas desapareciam nos Estados Unidos. E apesar de a maior parte ser certamente constituída por fugitivos, vagabundos ou assassinos desconhecidos, Denton não considerava descabida a possibilidade de alguns desses casos, poucos, se assemelharem ao de David Lang.

Mas nunca o conseguiria provar.

— Estou pronto para regressar a casa. O Triângulo das Bermudas não foi uma boa aposta. Quer dizer, há muitos sítios onde é provável que ocorram desaparecimentos e este é um deles. Mas se alguém desaparece aqui fora, não há forma de provar que não caiu ao mar. Precisamos... não sei, algo mais do género «quarto fechado». E chama-me estúpido idealista, mas uma ou duas testemunhas presenciais não fariam mal nenhum. — Denton reparou no queixume da sua própria voz. Estava cansado.

— É curioso que digas isso. Recebeste a encomenda que te envie?

Denton olhou para o pacote vermelho, branco e azul pousado ao lado da porta.

— Sim. O que é?

— Dá uma vista de olhos. Mas não te distraias. Quero que acabes o artigo sobre o *Triângulo*. O prazo expira na terça-feira.

— Eu sei. Está quase pronto.

— Ótimo. Pareces rebentado. Vou deixar-te dormir um bocadinho. Boa noite, Dent.

— Boa noite.

Esteve quase para não abrir a encomenda. As suas pernas tinham a consistência de um *pâté* após cinco horas a tentar manter o equilíbrio no barco, e o volume de adrenalina que lhe percorrera as veias tinha-o deixado com uma ressaca. Mas as insinuações de Jack tinham-lhe atizado a curiosidade. Não podia deitar-se sem saber o que esta continha.

Arrancou a dobra e olhou para o interior. Era um livro: *Contos do Holocausto*.

Não fazia sentido, pois o Holocausto nada tinha a ver com o artigo em que estava a trabalhar. Mas o velho instinto de Wyle revolveu-se nas suas tripas como uma minhoca subterrânea gigante.

Abriu o livro na página marcada e começou a ler.

I.2. AHARON HANDALMAN

JERUSALÉM

Que cidade. O rabino Aharon Handalman vivia em Jerusalém há doze anos, mas continuava maravilhado com a sua beleza. Saía sempre de casa antes do amanhecer para poder contemplar o sol a embater nas pedras. Naquela manhã havia uma brisa fria no ar. O seu casaco e o seu chapéu, de lá preta, absorviam-no como uma esponja.

Aharon, a sua mulher Hannah e os seus três filhos viviam no novo complexo residencial ortodoxo próximo do Vale de Ben-Hinnom. Àquela hora do dia, sem os gritos e o clamor dos mais pequenos, aqueles apartamentos simples e quadrados pareciam tão ociosos como caixas de cartão. Foram ficando para trás à medida que caminhava e, à sua direita, começaram a surgir os antigos muros, como a ponta da saia de uma mulher.

Aproximou-se da porta de Jaffa. À sua frente erguia-se a Torre de David, uma sombra fina e pontiaguda no meio da obscuridade. Entrou na cidade com a pedra a elevar-se por cima da sua cabeça e percorreu o arco com os dedos ao passar, segredando o *Shma Yisroel* com os lábios.